

## ROCK IN RIO

**METAL E CIA** Rap do grupo paulistano Pavilhão 9 e rock pernambucano trazem outros sotaques à noite pesada de hoje no Palco Mundo

# O metal que vem do Nordeste

Com um som pesado, as bandas Sheik Tosado e Surto dão uma cara nova ao festival

Mario Marques

Certa noite, nos idos de 1995, Régis Oliveira, o Bolo, partiu para o ataque: olhou para a menina "com um rosto lindo e sorriso encantador e um jeitinho de falar que me pirou" e parou por ali. A lembrança da cantada em sua terceira mulher num bar de Brasília virou a letra mais cantada do pop nacional neste verão ("A cera"). Cantor do grupo cearense Surto, cujo disco de estréia, "Todo mundo doido", já ultrapassou cem mil cópias vendidas, Bolo, de 29 anos, é um dos ilustres desconhecidos do Rock in Rio 3. O outro, o pernambucano Flávio Câmara, o China, de 21 anos, vocalista do Sheik Tosado (também com disco de estréia, "Som de caráter urbano e de salão", da Trama) aproveita a fama de bom de festival (participou dos três últimos Abril Pro Rock e do Porão do Rock ano passado).

**Som do Surto é hardcore; mas "A cera" é melosa**

Os dois, que se encontram esta semana numa reunião promovida pelo GLOBO, representam pela primeira vez a safra nordestina no evento.

— Éramos uma banda underground influenciados por Pantera, Rush e Deep Purple — explica Bolo, que há dois anos cantava para meia dúzia de gatos pingados em bares de For-

taleza e de Caruaru e domingo, abre a última noite do festival.

— O bar se chamava Woodstock e o palco eram caixas. Tocávamos acompanhados de uma percussão de ratos.

Os quatro integrantes do grupo, que tocam hardcore turbinado com ritmos nordestinos, aproveitam o sucesso.

— Tô pirando o cabeção por aí — diz Bolo, negando que tal afirmação tenha a ver com uso de drogas. — Quase me acabei com todas as drogas. Quero isso longe de mim. Estou bem hoje, afastado delas.

**Sheik faz mistura de rock com frevo e maracatu**

O Sheik Tosado, que mistura hardcore com frevo e maracatu e ganhou projeção na esteira de Chico Science, faz o melhor show do rock nacional da atualidade. Unindo boas canções e o carisma de China, o grupo conquistou adeptos do heavy metal e do punk rock. Esperam agrandar na noite de hoje, quando abrem a fileira do metal.

— Tocamos em 60 lugares diferentes ano passado. O problema é que as pessoas não estão achando nosso disco — diz China, adiantando que em março o grupo grava o segundo CD.

Nem tão bem-sucedido em vendas quanto o Surto (o disco não passou das 30 mil cópias comercializadas), o Sheik luta para divulgar a cultura pernambucana, especialmente o folclore olindense. ■



André Teixeira

**CHINA**(pulando, à esquerda), cantor do grupo pernambucano Sheik Tosado e Bolo, vocalista da banda cearense O Surto, representam a forte cena roqueira nordestina no festival e provam que a geração mangue bit ainda dá frutos

Leonardo Aversa



## Máscara

**RHOSSI**, cantor do Pavilhão 9, ainda com a máscara. Grupo paulistano de rap está aproveitando o Rock in Rio para lançar seu novo disco, "Reação", e a partir do festival passa a apresentar de cara limpa

Marco Antônio Teixeira



## Identidade

**ANDREAS KISSER**, guitarrista do Sepultura, que se apresenta hoje no Palco Mundo, diz que o grupo está identificado com o movimento rap que vem dominando a cena musical contemporânea

## Sepultura deve chamar Pavilhão 9 em seu show

Grupo de Igor Cavaleira vai mostrar duas músicas inéditas, 'Sepulation' e 'Saga'

Bernardo Araujo

Chegou a hora dos dedos em forma de chifrinhos do demônio e das camisas pretas. Reeditando o Rock in Rio de 1985, Iron Maiden, Halford e o orgulho nacional Sepultura encabeçam a noite metal. Correndo por fora, a distorção mais psicodélica dos Queens of the Stone Age, o forrocore do Sheik Tosado e o rap do Pavilhão 9, que deve promover uma bagunça com integrantes do Sepultura.

Há anos as duas bandas caminham juntas.

— Max e Igor são irmãos nossos, e sempre participam dos nossos discos, como fize-

ram em "Mandando bronca", e nós tocamos com eles no show "Barulho contra a fome", quando o Derrick foi apresentado como cantor ao público brasileiro — diz Rho\$\$i.

Além de lançar seu novo CD, "Reação" (WEA), no Rock in Rio, pela primeira vez o Pavilhão 9 se apresentará de cara limpa. Já o Sepultura vem ao Rio pela segunda vez com Derrick Greene, o cantor que cumpre a árdua missão de substituir o carismático Max Cavaleira. O grupo fará no Rio seu primeiro show após a finalização do CD "Nation", que estará nas lojas nos próximos meses. No show de hoje, a banda deve adiantar duas novas canções, "Sepulation" e "Saga". ■

## LETRA E MÚSICA

Arnaldo Bloch

# O corno australiano

• Antes do Rock in Rio III, eu nunca tinha ouvido falar no didgeridoo. A primeira vez que o vi foi no gramado, perto da grande bola azul que envolve a entrada principal da Cidade do Rock. Distraído, no intervalo de um show, notei a bola azul e a Terra, ou apenas uma bola azul sem maiores pretensões topográficas. Minhas reflexões foram interrompidas por risos femininos. Três jovens graciosas seguravam um grande instrumento de sopro. A mim pareceu um corno de animal. Cheguei perto e, desculpando-me pelo incômodo, quis saber mais.

— O que é isso? Um instrumento musical?

— É. Vem da Austrália.

— E vocês saberiam como se chama?

— Ih, cara, aí já é mais complicado...

— É feito de quê? Parece um chifre.

As três ninfas responderam com risotas maliciosas. Foi quando, atordoado, olhei em volta e localizei o australiano, sorridente, contemplando suas zelas amigas brasileiras, guardiãs do seu instrumento.

— Este instrumento é seu? — perguntei.

— Oh, sim, é meu.

— Você vai tocá-lo no Rock in Rio?

— Talvez sim.

— Onde, quando?

— Talvez na Tenda Raízes, talvez na Tenda Eletro, talvez na Tenda Brasil, talvez amanhã, talvez depois de amanhã.

— Uma curiosidade: de que material é feito? Parece um corno de animal...

O australiano deu um passo atrás e ficou

me estudando, tentando entender qual era a minha jogada. Caí em mim: o quão estúpido eu fora! É óbvio que não há, nos dias de hoje, nem mesmo na Austrália (que nos deu criaturas inconcebíveis como o ornitorrinco, o pato que mama), animal capaz de portar um chifre de tal monta. Um guampo de quase dois metros, que demande seis mãos femininas para sustentá-lo, não é coisa de nossa época! Que diabo da Tazmânia era aquilo?

— A large bamboo — respondeu enfim.

— Que interessante! E como se chama? O australiano respondeu, mas não compreendi. D-X-I-G-D-I-D-J-E-R-Y-D-J-O-O-O?

Desisti de levar a conversa adiante. Desde este dia, avistei o corno australiano várias vezes, sempre acompanhado das ninfas brasilei-

ras. Show que é bom, neça. De volta à redação aprendi, com o Bernardo, que trata-se de instrumento primitivo, de origem aborígene, assaz popular em certos meandros da comunidade musical. Ele também me explicou, de maneira cordata, a soletrar: d-i-d-g-e-r-i-d-o-o.

Na "Britannica" soube também que o seu som único é atribuído ao verbo divino, e que embala circuncisões, alvoradas e sepultamentos. E, de um conhecido que namorou uma australiana, exímia tocadora de didgeridoo, descobri que sua execução requer uma técnica que mistura sopro, emissão vocal e aspiração, o que provoca insólitos movimentos ondulares no abdômen. Ontem, minutos antes do show de Sandy e Junior, alguém me disse que, lá na Penha, isso aí tem outro nome.